

FILHO
DO CAOS
PAI
DA NOVA
ERA

— Fique tranquila, querida, essa é uma oportunidade que vai mudar nossas vidas. Além disso, você vai fazer novas amigas lá também — disse William, enquanto tentava consolar Sara, a quinta filha da família, composta por Margareth, a mãe, William, o pai, e suas sete filhas: Sunset, Summer, Bella, Maggie, Sara, Olivia e Mary, que tinham, respectivamente, 14, 12, 10, 8, 6, 4 e 2 anos.

— Red Maze? É o nome de algum tipo de jogo de tabuleiro? — perguntou Summer, zombando do nome da cidade para onde estavam se mudando.

Ao chegarem à cidade, a família passou a noite em um hotel na entrada da cidade. No dia seguinte, William e Margareth procuraram um corretor que pudesse ajudá-los a encontrar uma casa grande o suficiente para nove pessoas. Margareth agiu com inteligência e pediu ajuda ao dono do hotel, Paul, que os apresentou pessoalmente a Mark, um corretor renomado que há tempos tentava vender um dos maiores prédios residenciais da pequena cidade: um antigo orfanato abandonado.

Rapidamente, Mark levou o casal para conhecer o orfanato. Logo de cara, Margareth ficou visivelmente incomodada com o ar sombrio da casa. Ela era muito grande e possuía uma estética antiga.

— Essa casa tem tudo o que precisamos: nove quartos, dois andares e um espaço amplo para a sala de estar, sem contar aquele gramado enorme lá fora — disse William, bastante satisfeito.

— Além disso, o preço que o proprietário está pedindo é absurdamente baixo em comparação com outras casas parecidas — acrescentou Mark, com um enorme sorriso no rosto.

Tomado pela empolgação, William decidiu fechar negócio e comprar a casa.

Após a mudança, Margareth dedicou-se a uma leve limpeza pela casa. O ar carregado de poeira e o silêncio opressor dos cômodos vazios a deixavam inquieta. Depois de horas de trabalho, exausta, jogou-se no velho sofá da sala. O cansaço a dominou e, sem perceber, adormeceu.

Seu descanso, no entanto, foi interrompido por um som vindo do andar de cima. Passos ressoavam sobre sua cabeça, no sótão. Um frio percorreu sua espinha. Prendeu a respiração, tentando ouvir melhor. Entre o medo e a curiosidade, decidiu subir.

Ao abrir a porta do sótão, deparou-se com suas filhas brincando, suas risadas ecoando pelo cômodo. Por um instante, sentiu-se ridícula por ter se assustado. Suspirou aliviada.

Foi então que algo chamou sua atenção. Entre bonecas espalhadas, Olivia segurava um desenho. Margareth se aproximou e pegou o papel. O traço infantil mostrava sete crianças de mãos dadas, seus rostos marcados por expressões indecifráveis. Um arrepio percorreu sua nuca.

Uma inquietação tomou conta dela. Desde que chegaram, sentia que algo estava fora do lugar. Decidiu investigar a história da casa. Passou horas revirando jornais antigos, sem sucesso. Estava prestes a desistir quando uma manchete chamou sua atenção.

A notícia, datada de dez anos atrás, relatava uma tragédia brutal: o assassinato de sete meninas no antigo orfanato da cidade.

Furiosa, Margareth mostrou a reportagem ao marido.

— Está vendo? Essa casa tem um histórico horrível! Por que você insiste que devemos ficar aqui? — sua voz tremia de desespero.

William suspirou, tentando acalmá-la.

— Margareth, por favor, tenta relaxar. Estamos com problemas financeiros. Isso aconteceu há muito tempo... Não tem nada a ver com a gente.

Nos dias seguintes, Margareth não conseguia parar de pensar na notícia que tinha lido. Por mais que tentasse ignorar, algo dentro dela dizia que aquilo não era apenas coisa do passado. A casa tinha um clima estranho, como se escondesse algo.

Ela então decidiu investigar o sótão. Subiu sozinha e começou a empurrar os móveis. Foi aí que percebeu uma parte da parede com a madeira solta. Curiosa, puxou a tábua e descobriu uma pequena portinha. Atrás dela, havia uma escada que descia para algum lugar escuro e abafado.

Ela desceu devagar. O porão estava cheio de poeira e com um cheiro forte. No canto, viu uma estante com vários livros antigos. Em cima de uma cadeira, havia um caderno velho com a capa escura. Ela pegou o caderno e começou a folhear.

As páginas estavam cheias de símbolos, nomes de crianças e datas estranhas. Parecia um diário. Algumas partes falavam sobre um grupo secreto, uma seita. No final, uma frase chamou sua atenção:

"Sete puras. Sete marcas. A última trará o fim."

Margareth fechou o caderno com as mãos tremendo, sentindo o coração bater mais forte. Foi então que ouviu passos atrás de si. Ao se virar, viu Sara parada no topo da escada.

— Mãe... — disse a criança, sussurrando. — Eu sonhei com aquelas meninas. Elas estavam me chamando.

Margareth não disse nada. Apenas segurou o caderno com força, com um pressentimento ruim crescendo dentro dela.

Margareth passou a noite sem conseguir dormir. As palavras daquele caderno e o que Sara tinha dito não saíam da sua cabeça. Apesar de tentar se distrair, alguma coisa dentro dela dizia que tinha algo de muito errado.

Nos dias seguintes, as filhas começaram a agir estranhamente. Sunset falava sozinha, encarando o nada. Summer acordava sem conseguir dormir e dizia que escutava sussurros. Bella desenhava símbolos estranhos nas paredes. As mais novas estavam mais caladas do que de costume, como se estivessem distantes, embora estivessem ali com Margareth.

Margareth retornou ao porão e relia o diário. As anotações da mulher falavam de uma seita que, segundo eles, estava fazendo um trabalho no antigo orfanato, para preparar o retorno do anticristo. Eles diziam que com sete meninas puras, o ritual poderia começar. A última, a sétima, seria o receptáculo.

Mary.

O nome da filha mais nova não saía da sua cabeça. Agora, tudo fazia sentido.

Com o coração saindo pela boca, Margareth correu pela escada. Do sótão saiam barulhos estranhos. Ao abrir a porta, ela paralizou.

As filhas estavam em círculo, de mãos dadas . Mary estava no meio, de olhos fechados. As outras murmuravam algumas coisas que ela não entendia . As vozes soavam distante.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou ela, com a voz falha.

Sunset virou devagar. O olhar era vazio e penetrante.

— Já está acontecendo.

Margareth tentou correr em direção a Mary, mas caiu de joelhos. O nada era como sólido, como se algo invisível a segurasse. Tudo estava tremendo. As luzes estavam piscando. O sótão parecia um lugar vivo.

Ela entendeu. Aquilo não era um ritual apenas.

Era real.

Era o começo do fim.